

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO AGRICULTURA E AMBIENTE - IEAA**  
**CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA INGLESA**

**JESUITA DE SOUZA PACHECO**

**ETARISMO NO ENSINO SUPERIOR:**  
**OS ESTIGMAS E OS PRECONCEITOS ENFRENTADOS PELOS ACADÊMICOS**  
**DE MEIA-IDADE DO IEAA/UFAM**

**HUMAITÁ - AM**

**2025**

**JESUITA DE SOUZA PACHECO**

**ETARISMO NO ENSINO SUPERIOR:  
OS ESTIGMAS E OS PRECONCEITOS ENFRENTADOS PELOS ACADÊMICOS  
DE MEIA-IDADE DO IEAA/UFAM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente, Multicampi da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção do título de graduado.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Braz Nogueira

**HUMAITÁ-AM  
2025**

**JESUITA DE SOUZA PACHECO**

**ETARISMO NO ENSINO SUPERIOR:  
OS ESTIGMAS E OS PRECONCEITOS ENFRENTADOS PELOS ACADÊMICOS  
DE MEIA-IDADE DO IEAA/UFAM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente, Multicampi da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) como requisito parcial para obtenção do grau de graduado.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 05/12/2025.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Viviane Braz Nogueira - UFAM  
Orientadora

---

Prof. Me. Josimar Maciel Cordeiro- UFAM  
Avaliador

---

Prof. Dr. Gérson Bruno Forgiarini de Quadros - UFAM  
Avaliador

# ETARISMO NO ENSINO SUPERIOR: OS ESTIGMAS E OS PRECONCEITOS ENFRENTADOS PELOS ACADÊMICOS DE MEIA-IDADE DO IEAA/UFAM<sup>1</sup>

Jesuita de Souza Pacheco<sup>2</sup>

Viviane Braz Nogueira<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Etarismo no Ensino Superior: os estigmas e os preconceitos enfrentados por acadêmicos de meia-idade do IEAA/UFAM" originou-se no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC - 2023-2024 e buscou identificar por meio das construções discursivas de universitários a partir de 40 anos dos cursos de graduação do Instituto de Educação Agricultura e Ambiente (IEAA/UFAM) os desafios que estes estudantes enfrentam por causa da idade. Com alicerce da Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2006) optou-se por uma pesquisa qualitativa com entrevista semiestruturada que se apresenta como uma grande aliada para o pesquisador, pois as perguntas podem ser abertas e o entrevistado pode respondê-las dentro de uma conversa informal (Gil, 2011). Após a interpretação das entrevistas constatou-se a existência do etarismo no IEAA, manifestado de forma velada por meio do humor, das piadas e brincadeiras, passando despercebido, ou simplesmente sendo ignorado aos olhares da grande maioria dos acadêmicos do IEAA, que acabam na maioria das vezes normalizando ações e falas preconceituosas.

**Palavras-chave:** identidade; etarismo; linguagem

## ABSTRACT:

This Undergraduate thesis, titled "Ageism in Higher Education: the stigmas and prejudices faced by middle-aged academics at IEAA/UFAM," began as part of Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC - 2023-2024. The study aimed to identify the challenges these students face due to their age, based on the discursive constructions of university students aged 40 and over from the undergraduate courses at the Instituto de Educação Agricultura e Ambiente (IEAA/UFAM)). Grounded in Applied Linguistics (Moita Lopes, 2006), a qualitative research approach was chosen, using a semi-structured interview. This interview format is a great help to the researcher because the questions can be open-ended, allowing the interviewee to answer them within an informal conversation (Gil, 2011). After analyzing the interviews, we confirmed the existence of ageism at IEAA. It is often displayed in a hidden way through the humor. This often goes unnoticed or is simply ignored by the vast majority of IEAA academics, who often end up normalizing these prejudiced actions and statements.

**Key-words:** Identity; Ageism; Language

## 1. INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Artigo científico apresentado à Banca Examinadora como requisito para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso e obtenção de grau de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa no semestre 2025/2.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Letras IEAA/UFAM.

<sup>3</sup> Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso e Professora do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/UFAM.

Este Trabalho de Conclusão de Curso - TCC teve por finalidade identificar as construções discursivas de universitários de meia-idade dos cursos de graduação do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA/UFAM) após o ingresso na universidade, no que se refere aos estigmas e preconceitos enfrentados pelos referidos acadêmicos devido à idade madura.

Segundo Lopes (2006, p. 13) a exclusão social é caracterizada por “um conjunto de fenômenos que se configuram no campo alargado das relações sociais contemporâneas”. Dessa forma, não é difícil compreender diferentes fatores que contribuem para que a exclusão esteja presente na sociedade atual como, por exemplo, a desqualificação profissional, a desagregação identitária, a desumanização do outro, a anulação da alteridade, a violência, o etarismo, a cidadania, gênero, raça, etnia, deficiência, entre outras motivações para que aconteçam as exclusões sociais (Lopes, 2006).

Dentro dessa perspectiva, trazer à baila essa temática mostra-se cada vez mais importante não só na comunidade universitária como na sociedade atual, visto que são cada vez mais frequentes os casos de estigmas e preconceitos sofridos por mulheres e homens por causa da idade, já que no ano de 2023 viralizou um vídeo em que três jovens universitárias ridicularizaram e hostilizaram uma outra colega de turma por ter mais de 40 anos (G1, 2023), o que levanta debates e discussões sobre o etarismo na sociedade e mais especificamente sobre o etarismo na universidade.

O etarismo conceituado originalmente por Butler em 1969 como a discriminação, intolerância e a até mesmo a exclusão social de indivíduos ou grupos baseados em sua idade a partir de certos estigmas e estereótipos, sendo nominado como ageísmo no português, apesar de não existir um consenso sobre a terminologia mais adequada, podendo ser chamado também de idadeísmo, ancianismo e etarismo (Butler, 1969). O teórico esclarece como o etarismo se configura e como esse processo é descabido em sua permanente ocorrência, uma vez que, não há causa para um olhar preconceituoso que atente contra as relações humanas, principalmente, quando se refere a um indivíduo com vida madura bem-sucedida (Butler, 1969). Na contramão aos estigmas e aos preconceitos, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP) divulgou no ano de 2023 que entre os anos de 2011 e 2022 o número de universitários com mais de quarenta anos triplicou.

Nesse sentido, levando em consideração os inúmeros casos de intolerâncias apresentados na mídia e nas redes sociais contra universitários de meia-idade e atenta ao crescimento considerável desse grupo etário na universidade é que o presente artigo buscou estudar as construções discursivas e as vivências na universidade do grupo em foco, no intuito

de saber quem são esses acadêmicos e quais os desafios, estigmas e preconceitos enfrentados no cotidiano da academia.

Para tanto a pesquisa se sustentou na transdisciplinaridade da Linguística Aplicada que aborda os fenômenos da linguagem no viés discursivo, ao reconhecer a linguagem como uma prática social, visto que nossas construções discursivas não são neutras, pois nelas estão envolvidas as escolhas ideológicas e políticas que são marcadas pelas relações de poder (Fabricio, 2008). Desse modo, em sincronia com as leituras teóricas, como Butler (1969), Winandy (2023), Cachioni e Aguiar (2018), Quintana (2023), Souza (2019), entre outros, e as construções discursivas dos pesquisados vislumbra-se novos olhares para compreender e combater o etarismo na universidade.

Portanto, abordar essa temática contribuiu para uma reflexão sobre políticas institucionais mais inclusivas, que levem em conta as especificidades destes estudantes, em termos pedagógicos, sociais e psicológicos, que muitas vezes são negligenciados. A pesquisa pode contribuir para luta de igualdade, e o combate aos estigmas naturalizados dentro da universidade, promovendo também o respeito entre ambos.

Por fim, ao contribuir para a construção de um ambiente universitário mais justo, plural e democrático, especialmente em contextos como o da Amazônia, onde diversas formas de exclusão social se entrelaçam, este artigo se alinha aos princípios fundamentais da democratização do ensino público e à valorização da universidade como espaço de transformação social.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Etarismo: algumas considerações**

Na sociedade, existem vários tipos de preconceitos e estigmas que se manifestam de formas distintas e são direcionados para determinados grupos sociais. O preconceito é um pré-julgamento baseado apenas pelo conhecimento prévio, gerando hostilidade e impedindo a interação entre ambas as partes (Crochík, 1996). Percebe-se que o preconceito cria barreiras sociais, e conseqüentemente, afeta diretamente na vida de determinados grupos específicos.

Winandy (2023, p. 49) reforça ideia ao afirmar que “o preconceito traz junto um componente afetivo negativo relacionado a uma crença, e isso desperta uma atitude hostil para com uma pessoa pelo simples fato de ser membro de um grupo, em geral desvalorizado

socialmente.” Diante disto, entende-se que o preconceito está associado às ideologias construídas nos meios sociais, que geram exclusão de determinados grupos.

Esse fenômeno ocorre, devido aos estereótipos e estigmas estabelecidos na sociedade, que impõe um padrão a ser seguido. Segundo Winandy (2023, p. 43) o estereótipo “é uma generalização que fazemos de um grupo a partir das similaridades que percebemos” criando divisões e classificações generalizadas. Por sua vez Goffman afirma que o estigma é a “situação do indivíduo que é inabilitado para a aceitação social plena” e corresponde a “um atributo profundamente depreciativo” (Goffman, 1982, p. 8).

Ainda de acordo com Goffman (1982), quando o diferente se apresenta diante de nós, podem surgir indícios de que esse indivíduo possua traços que o caracterizem como alguém distinto dos demais, fazendo-o se destacar como pertencente a uma categoria menos desejável. Assim, ele pode ser considerado fraco, perigoso, inferior ou incapaz, o que acentua o processo de estigmatização e reforça desigualdades históricas, especialmente quando se observa que “[...] seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real” (Goffman, 1982, p. 6).

Nesse contexto mais amplo de estigmas e preconceitos, emerge o etarismo, foco deste trabalho. Isso ocorre porque ainda existe um tabu em torno da idade, associado a um imaginário social que valoriza a juventude e deslegitima o processo de envelhecimento (Winandy, 2023). Embora se saiba que envelhecer é um percurso natural, a idade continua sendo interpretada como um marcador negativo, dando origem a práticas etaristas.

O termo atualmente empregado como etarismo, também denominado egeísmo, idadismo ou ancianismo diz respeito ao preconceito direcionado a indivíduos em razão de sua idade. O idadismo, mais comum na área da saúde, é utilizado para se referir principalmente a discriminações contra pessoas mais velhas. O criador do termo foi Robert Butler. Segundo Winandy (2023),

O termo foi cunhado pelo geriatra norte-americano Robert Butler no final dos anos 1960, em decorrência de seus estudos sobre envelhecimento, para definir uma forma de intolerância relacionada à idade, com conotações semelhantes às de racismo e sexismo (Winandy 2023 p. 52).

Assim, Butler buscou nomear uma prática discriminatória amplamente presente na sociedade, mas até então pouco reconhecida. O preconceito contra pessoas de idade madura é antigo e tornou-se enraizado culturalmente, sustentado pela crença de que, a partir de

determinada idade, o indivíduo se torna improdutivo ou inútil, gerando custos e não contribuições. Esse pensamento reforça e perpetua o etarismo.

Palmore amplia a discussão ao definir etarismo como “[...] qualquer prejuízo ou discriminação contra ou a favor de uma faixa etária. [...] é o tratamento negativo inapropriado de membros daquela faixa etária” (Palmore, 1999, p. 4). Assim, o etarismo ocorre quando alguém é julgado simplesmente por pertencer a determinada idade, seja jovem ou idoso (Winandy, 2023). No entanto, é sobre os últimos que ele se manifesta com maior intensidade, uma vez que mudanças físicas do envelhecimento são usadas como justificativa para generalizações sobre incapacidade.

Além disso, Winandy (2023) destaca que determinadas culturas, no passado, já praticavam formas explícitas de violência contra os idosos, demonstrando que o etarismo tem raízes profundas e está arraigado no imaginário social. Hoje, ele se manifesta de maneiras mais sutis, como no etarismo benevolente, que se apresenta com tom de proteção, aparentemente menos hostil, mas igualmente prejudicial, já que sustenta relações de desigualdade. Nesse sentido,

O etarismo benevolente, assim como qualquer tipo de crença benevolente que pode ser aplicada a outras minorias, traz significados superficialmente positivos, mas mantém as pessoas em uma posição de inferioridade, e é tão prejudicial quanto o preconceito hostil (Winandy, 2023, p. 57).

O etarismo benevolente consiste em atribuir características aparentemente positivas às pessoas idosas, mas que, na prática, reforçam sua fragilidade e limitação. Ao adotar uma postura paternalista, essa forma de preconceito restringe a autonomia dos indivíduos e contribui para sua exclusão dos espaços sociais. A benevolência, nesse caso, funciona como máscara do controle, já que ao mesmo tempo em que suaviza o discurso, mantém intactas as hierarquias que definem quem pertence ao espaço público e quem deve ser tutelado. Assim, como aponta Winandy (2023), essa modalidade de preconceito produz efeitos tão danosos quanto o etarismo hostil, pois ambos sustentam a mesma lógica de inferiorização.

Esses padrões sociais estabelecidos pela sociedade dominante contribuem para que muitas pessoas não se sintam confortáveis com a própria idade, temendo não se encaixar nos modelos idealizados pelo senso comum. Tal idealização é reforçada por propagandas que associam beleza e sucesso a corpos jovens, gerando insegurança em indivíduos que não se encaixam nesse modelo, especialmente mulheres, que historicamente têm sua imagem social vinculada ao corpo e à aparência (Winandy, 2023). Nesse contexto,

A preocupação com a aparência da idade é tão grande, que já se criou um termo para esse incômodo - *age shaming* é o nome dado para a vergonha de envelhecer, fenômeno que afeta a saúde física e mental das pessoas, principalmente das mulheres (Winandy 2023 p. 30).

Winandy (2023) aponta que o *age shaming* revela a interiorização da vergonha de envelhecer, resultado direto das pressões estéticas e sociais. O envelhecimento deixa de ser visto como processo natural e passa a ser tratado como falha pessoal, algo a ser escondido. Esse fenômeno afeta, sobretudo mulheres, cuja identidade social é historicamente associada à juventude, demonstrando como o etarismo se articula ao sexismo, ao impor uma vigilância contínua sobre o corpo.

Ao transformar o envelhecer em motivo de constrangimento, a sociedade não apenas fragiliza a saúde emocional e física das pessoas, mas também reforça padrões inalcançáveis de beleza e produtividade e limitando o direito de viver o tempo em sua plenitude, o que acaba gerando um medo do envelhecimento, denominado como “Gerascofobia” (Winandy 2023).

Dentro dessa perspectiva, no que se refere aos preconceitos e estigmas sofridos por indivíduos acima dos 40 anos, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estabeleceu o idadismo (etarismo) como estigma, preconceito e discriminação baseados na idade, fenômeno este que pode afetar jovens e idosos, sendo classificado como um fenômeno social complexo e multifacetado. Segundo a OMS (2022)

O idadismo surge quando a idade é usada para categorizar e dividir as pessoas de maneiras que levam a perdas, desvantagens e injustiças, causando desgaste no relacionamento entre as gerações.

O idadismo toma muitas formas ao longo da vida. Imagine ser sistematicamente ignorado pelos colegas e chefes no local de trabalho, ser tratado com condescendência pela família em casa, ter negado um empréstimo no banco, ser insultado ou evitado nas ruas, ser acusado de fazer bruxaria, ter acesso negado à sua propriedade, terra ou a tratamento médico, tudo simplesmente em função da sua idade. Todos esses são exemplos de como o idadismo permeia nossas vidas, afetando desde os mais jovens aos mais idosos. (Organização Mundial da Saúde, 2022, p. 3).

O documento evidencia que o etarismo opera em múltiplas esferas, ou seja, familiar, profissional, institucional e cultural e pode afetar desde os mais jovens até os mais idosos. Nesse cenário, o relatório da OMS (2022) evidencia a necessidade de mudanças comportamentais no combate ao etarismo em todas as camadas sociais, de modo a garantir que essas pessoas tenham oportunidades plenas de participação social e possam exercer sua cidadania de forma digna e igualitária.

## **2.2 Olhares sobre o Etarismo na Universidade**

A busca pelo ensino superior por pessoas de meia-idade tem se tornado cada vez mais comum, refletindo uma transformação significativa no perfil dos estudantes universitários. Esse fenômeno pode ser explicado, em parte, pelo aumento da longevidade. Tal realidade demonstra que a idade deixa de ser um empecilho, ampliando a demanda pela inserção de pessoas longevas no meio acadêmico. A chamada “melhor idade”, muitas vezes associada ao término da vida profissional ativa, tem demonstrado que a aprendizagem e o desejo de expandir conhecimentos não possuem limites etários. Nesse contexto,

A longevidade no país e no mundo atinge números antes nunca vistos, de forma que a população brasileira envelhece em larga escala. Entretanto, nota-se uma nova face da velhice, onde há idosos com qualidade de vida, ativos e independentes, que buscam seus sonhos mesmo em idade avançada, ou muitas vezes por questões financeiras, ainda se mantêm profissionalmente ativos e em busca de qualificação e atualização, o que motiva o interesse em cursar o ensino superior mesmo que na velhice (Thomazini, 2021 p. 10).

Assim, o envelhecimento ativo e a busca por novas qualificações têm impulsionado a inserção de indivíduos de idade madura no ensino superior, desmistificando os estereótipos da velhice e evidenciando que a educação é um lugar inclusivo para de todas as idades. Dessa forma,

A tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos (Debert, 1999, p.14).

Debert (1999) apresenta, assim, uma perspectiva positiva do envelhecimento, ao destacar ganhos em vez das perdas, e oferecendo uma visão otimista dessa fase, comumente associada ao declínio. Para o autor, trata-se de um momento propício para dar continuidade aos projetos, um aspecto fundamental quando se observa a retomada dos estudos por muitos indivíduos de meia-idade, frequentemente postergados devido a circunstâncias diversas. A educação, nesse sentido, é um elemento essencial na vida de qualquer pessoa, independentemente da idade, desempenhando papel central na reintegração e transformação dos adultos de idade madura, ao proporcionar-lhes novas perspectivas de vida. Nota-se, então, que quando o processo educativo se torna permanente na trajetória desses indivíduos maduros

[...] é possível encontrar um novo sentido de viver, mesmo quando eles já se encontram desacreditados pela própria sociedade. A educação é vista como um meio de libertação e mudanças na terceira idade, pois permite a reavaliação das características próprias, além de propiciar um processo de análise e reflexão para essas pessoas. (Oliveira; Scortegagna; Oliveira, 2009 p. 384)

Dito isto, a educação continua a desempenhar um papel fundamental ao permitir que esse grupo etário se reinvente, enfrente estigmas relacionados ao envelhecimento e amplie suas oportunidades de participação plena na sociedade. O acesso ao ensino superior para as pessoas de idade madura pode ser uma importante oportunidade de transformação e reinvenção. Permite-lhes exercer seus direitos de cidadãos e romper tabus socialmente construídos. À vista disso,

A entrada na universidade pode contribuir para o acesso às escolhas mais significativas, aos meios de comunicação, a metodologias integradas e complexas, com o indivíduo passando a reconstruir o processo pelo qual modifica a sua representação da realidade social. Sente-se mais gente. O mundo moderno pode oferecer oportunidades para o exercício da cidadania na velhice, desenvolvendo a autoestima, a autoconfiança, resgatando a dignidade aos seus participantes ativos. Não se refere aqui a adaptar as habilidades humanas ao ritmo acelerado da mudança mundial, mas a tornar esse mundo em rápida mudança mais hospitaleiro [...]. (Tavares 2008, p.87).

Então, o ensino superior oferece aos indivíduos de meia-idade uma oportunidade valiosa para resgatar sua autonomia e dignidade, permitindo-lhes não apenas o acesso ao conhecimento, mas também um espaço para participação ativa na sociedade. Outro fator importante, sendo um dos principais motivos, para o aumento da inserção no ensino superior, é a busca por qualificação para o mercado de trabalho.

De acordo com Tomazini (2021) nem sempre o ingresso de pessoas de meia-idade no ensino superior decorre de um interesse pessoal imediato, em muitos casos, tal decisão é influenciada pelas exigências do mercado de trabalho. No contexto atual, observa-se que o indivíduo de meia-idade é cada vez mais compelido a permanecer ativo profissionalmente para assegurar uma boa qualidade de vida na velhice.

Isso reflete a realidade de um cenário no qual muitos indivíduos de idade madura buscam qualificação para garantir sua estabilidade financeira e continuar ativos no ambiente de trabalho. Embora essa busca por educação superior seja, em muitos casos, motivada pela necessidade, ela também representa uma oportunidade de atualização, crescimento e adaptação a um mercado cada vez mais exigente.

Diante dessas transformações, torna-se essencial compreender como a sociedade tem lidado com esse novo cenário e como esse grupo etário é recebido nos diferentes espaços sociais e educacionais. Assim, Scortegagna et al. (2016, p. 2) ressalta que “É preciso rever como o idoso está sendo percebido e aceito na sociedade e como está presenciando estas mudanças no espaço político-social e em sua própria vida.” Desse modo, refletir sobre a maneira como a velhice é encarada e sobre os efeitos das mudanças políticas e sociais na vida das pessoas de meia-idade é um passo essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde o envelhecimento seja tratado com o respeito e a valorização que merece.

Nesse contexto, a universidade, nesse cenário, promove não apenas o desenvolvimento pessoal e profissional dos acadêmicos, como também proporciona vivências e interações entre pessoas de diferentes idades que anteriormente não integravam o mesmo círculo social. O aumento da inserção de estudantes mais velhos desconstrói o pensamento de que apenas jovens ingressam no ensino superior, tornando-se uma significativa forma de combater o etarismo.

Cachioni e Aguiar (2018) assinalam, ainda que, ao abrir suas portas a diferentes faixas etárias, a universidade contribui para o rompimento de paradigmas, estigmas e estereótipos, produzindo mudanças nas imagens sociais construídas historicamente. Segundo os teóricos “É importante a interação entre todas idades e respeito de suas peculiaridades: no ato da troca de experiências entre jovens e idosos ocorre uma interdependência fundamental para a construção de legados” (Cachioni e Aguiar 2008, p. 100).

A convivência intergeracional fora do núcleo familiar constitui passo decisivo para desconstruir estereótipos e diminuir o preconceito relacionado à idade. Outros autores corroboram com a ideia de que essa convivência rompe estigmas e favorece novas experiências e aprendizagens para ambas as partes (Krout; Wasyliv, 2002). Nesse sentido,

Entender o relacionamento e o convívio entre gerações no âmbito social e educacional é fundamental para promover discussões e questionamentos sobre padrões preestabelecidos socialmente, compreender o comportamento das pessoas, como elas pensam e por que agem desta ou daquela forma, e assim refletir sobre atitudes, comportamentos e, principalmente, tentar rever em conjunto as crenças e os valores referentes ao envelhecimento. (Cachioni e Aguiar 2008, p. 80)

As instituições acadêmicas possibilitam esses encontros, nos quais indivíduos de realidades distintas compartilham valores e conhecimentos, ao rever e questionar conceitos e promover uma aprendizagem de mão dupla.

Apesar do crescimento da inserção de pessoas de meia idade no contexto acadêmico, muitos desafios persistem. Entre eles, destaca-se o etarismo, uma vez que estudantes mais velhos estão mais suscetíveis a sofrer preconceitos, expressos em falas discriminatórias ou

atitudes depreciativas relacionadas à idade. Essa é a temática que será discutida na presente pesquisa.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho de TCC utilizou a abordagem qualitativa de natureza interpretativista, valendo-se de entrevistas semiestruturadas como procedimento de coleta de dados. Nessa perspectiva, o método qualitativo se aplica “[...] ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam” (MINAYO, 2014, p.57). Assim, a investigação qualitativa requer como atitudes principais “a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com o grupo de investigadores e com os atores sociais envolvidos” (MINAYO, 2014, p.195). Brandão (2001) complementa ao afirmar que a pesquisa qualitativa:

[...] está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (Brandão, 2001, p.13).

Importa destacar que pesquisa qualitativa parte de uma situação-problema ancorada em um contexto social e histórico, nesse caso, o etarismo nos meios sociais e no ambiente universitário, orientado pela coleta de dados obtida por meio das entrevistas semiestruturadas e pela interpretação das respostas fornecidas e construídas a partir das experiências e vivências dos entrevistados, permitindo um processo investigativo rigoroso.

No que se refere às entrevistas semiestruturadas, trata-se de um procedimento voltado para um tema específico, estruturado a partir de um roteiro com perguntas centrais, complementadas por informações que podem emergir de forma mais espontânea, sem padronização rígida das respostas (Manzini, 1990/1991). Por sua vez, Triviños (1987, p. 152) reforça que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”.

A pesquisa, inicialmente, realizou uma revisão bibliográfica de autores que discutem o etarismo, possibilitando a construção do referencial teórico que fundamentou o estudo, com base em obras de teóricos como Butler (1969), Winandy (2023), Cachioni e Aguilar (2008), Goffman (1982), entre outros. Em seguida, foram elaboradas as perguntas da entrevista semiestruturada e realizado o recrutamento de universitários a partir de 40 anos, pertencentes a

diferentes cursos de graduação do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA/UFAM).

Após a aprovação do Comitê de Ética, foram conduzidas as entrevistas com os acadêmicos de meia-idade do IEAA, durante as quais, os participantes compartilharam suas experiências e percepções sobre o etarismo no ambiente universitário. Por fim, procedeu-se à interpretação do corpus, constituído pelas entrevistas realizadas com os universitários de idade madura, cuja análise é apresentada na seção seguinte deste trabalho.

#### 4. Vivências acadêmicas e etarismo: Leitura interpretativista das entrevistas

Esta seção apresenta a interpretação das respostas de cinco universitários entrevistados. Para tanto, entrei em contato com os acadêmicos constantes em uma lista fornecida pela Coordenação Acadêmica do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA/UFAM). A referida lista continha os nomes e contatos de alunos dos diferentes cursos de graduação do IEAA, contudo, apenas cinco aceitaram participar da entrevista, sendo dois homens e três mulheres, com idades entre quarenta e cinquenta anos, regularmente matriculados nos cursos de Pedagogia; Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa; Ciências: Matemática e física; e, Ciências: Biologia/Química.

Os participantes assinaram o Termo de Livre Consentimento e Esclarecido (TLCE), autorizando a interpretação das entrevistas. Para garantir o anonimato, os entrevistados foram identificados por nomes fictícios. A seguir, apresento os resultados das interpretações das interpretações das entrevistas realizadas.

A primeira pergunta feita aos entrevistados foi se eles acreditavam na existência de uma idade adequada para ingresso na universidade. Segundo eles:

**Pitágoras:** Não, pelo fato de eu já ter 46 anos. Quando eu ingressei ano passado, eu já tinha completado 46, vou fazer 47 agora mês que vem. E a gente percebe que a universidade, nesse sentido, é muito boa, porque ela faz distinção.

**Emília:** Não, acho que uma idade definida não.

**Conceição:** Não, porque tipo assim, na universidade geralmente entra mais pessoas que saem do ensino médio, e aí por volta dessa idade a pessoa já fica de maior, e geralmente é nessa idade que se constrói família quem saiu do ensino médio né. Então muitas coisas assim podem acontecer para a pessoa se atrasar. Então, assim não tem uma idade certa.

**Rachel:** Não acredito, nunca é tarde para começar a estudar.

**Machado:** Eu creio que não. Vai depender da pessoa, é de pessoa para pessoa, a pessoa tiver disponibilidade, vontade e força de vontade para continuar os estudos, não tem idade não.

Os participantes afirmam que a idade não constitui fator determinante para o ingresso na universidade. Embora tenham retomado os estudos em idade mais avançada, enfatizaram que os impedimentos vivenciados na juventude derivaram de fatores externos, isto é, circunstâncias pessoais que os distanciaram da vida acadêmica, como por exemplo, responsabilidades familiares precoces, necessidade de trabalhar para a subsistência ou falta de oportunidades educacionais, entre outras causas levaram os pesquisados a não cursarem a universidade quando jovens.

Atualmente, já adultos de meia-idade, tiveram a oportunidade de ingressar na universidade e, embora enfrentem diversos desafios, demonstram firmeza em permanecer no curso e não desistir de seus objetivos. Os relatos reafirmam que a educação é um processo contínuo que não se limita por barreiras etárias, mas sim, pela realidade que cada indivíduo viveu ou vive e que podem ajudar ou dificultar o seu retorno a vida escolar.

Nota-se que as narrações apresentadas durante as entrevistas mostram que os entrevistados possuem a convicção de seus sonhos, de suas capacidades intelectuais, de suas experiências de vida e das motivações que os levaram para a academia após anos de afastamento da educação escolar em uma idade considerada por muitos como ultrapassada para esses tipos de ambientes sociais, no entanto, eles também acreditam que a faixa etária não é e nem será o maior dos empecilhos ou o maior dos desafios na vida acadêmica.

As repostas geradas pelos entrevistados indicam que nunca é tarde para estudar, afinal, ingressar na universidade pode não ser uma tarefa tão simples ou fácil tanto para jovens quanto para envelhecetes, mas tudo dependerá de sua vontade e motivação para iniciar um novo ciclo, superar obstáculos e enfrentar novos desafios. Cabe destacar também a importância das trocas intergeracionais, que enriquecem o processo de ensino e de aprendizagem, pois o ensino superior passa a ser visto como uma oportunidade de melhoria profissional ou simplesmente realização de um sonho guardado por muito tempo e que passa a tornar realidade a partir do ingresso em uma instituição de ensino superior.

A segunda e a terceira perguntas abordaram os motivos que levaram os entrevistados a ingressar na universidade e o que significava para os entrevistados estar na universidade. A segunda compreender as razões que justificaram o retorno aos estudos após anos de afastamento. Eis algumas das respostas:

**Emília:** Me aprofundar mais na área em que eu trabalho. Eu sou cuidadora, eu trabalho com aluno que tem deficiência. Aí a pedagogia para mim é boa porque e vou me aprofundar mais.

**Conceição:** Bom, aqui dentro do município que a gente vive, é a situação do desemprego é muito precária. Então assim, eu acredito que as pessoas que

estão mais capacitadas, e tem mais chance de conseguir um emprego. Então a faculdade foi um desses caminhos que eu escolhi, que futuramente eu possa ter um emprego melhor, traz mais oportunidades.

**Rachel:** O estilo de vida, a gente não é reconhecida, o salário que a gente ganha. É melhoria de vida.

**Machado:** Meu sonho de criança, eu queria sempre, meu desejo era me formar e ser formado na vida. A trajetória de vida me levou para outros cantos, mas hoje chegou essa oportunidade.

Segundo os acadêmicos em foco, as principais motivações para o ingresso no ensino superior são a realização de sonhos pessoais, e uma colocação melhor no mercado de trabalho, ou seja, a busca por qualificação e novas oportunidades devido a situação precária do mercado de trabalho local, então, ingressar na universidade é uma forma de buscarem melhoria de vida. Percebo, ainda, que os entrevistados vislumbram perspectivas melhores para a sua vida, pois, como relata Machado, é a concretização de um sonho de infância, que devido a sua trajetória pessoal não foi possível realizar antes. Por sua vez, Emília destaca que já está inserida na área da educação, porém não como professora, mas por conviver com pessoas que já atuam na área da educação, ela deseja a formação universitária como uma oportunidade de atuar na área desejada.

A terceira pergunta teve respostas bem similares a segunda pergunta. Emília ressaltou que para ela são “[...] portas para novas oportunidades”. Para Conceição “Significa uma vitória [...]. Eu jamais imaginava que eu ia cursar uma faculdade federal” e para Machado a “Realização de um sonho”.

Assim, observa-se que a universidade adquire significado profundamente positivo, visto ser um espaço de ascensão, oportunidade e conquista. As respostas demonstram, uma grande satisfação dos alunos por estarem inseridos no ambiente acadêmico. Nesse sentido, Emília destaca as oportunidades que a universidade pode trazer futuramente, e demonstra uma visão otimista do papel do ensino superior na sua trajetória.

Já Conceição expressa um significado de realização e conquista pessoal, indicando assim, um sentimento de superação, de expectativa, uma vez que ela não se imaginava cursando graduação em uma universidade federal. Já Machado reafirma novamente a concretização de um sonho pessoal, a universidade representa a realização de um objetivo de longa data, sendo assim tem um valor emocional e simbólico. Nesse sentido, cada entrevistado, a sua maneira, reconhece o ensino superior como elemento transformador de sua trajetória pessoal e profissional.

A quarta pergunta realizada teve como objetivo compreender os motivos que levaram os participantes a escolherem a graduação que cursam, e as respostas foram as seguintes:

**Pitágoras:** Então o que me fez é, o fato de que se eu colocar na minha cabeça que eu não vou desistir, antes mesmo de eu concluir pode ser que eu já tenha uma vaga garantida no mercado de trabalho, ou quando eu concluir que eu pegar meu diploma, eu vou ter uma vaga por contrato ou quando eu fizer um concurso público.

**Conceição:** É porque assim, eu me identifiquei com o curso. Era um dos meus sonhos a enfermagem, me formar na área de enfermagem e letras. Mas aí eu fiz o curso de enfermagem, mas só que eu não me identifiquei com o curso, e também era particular na época em que eu fazia. Minha mãe chegou a falecer e foi reduzida a nossa renda, então eu tive dois motivos para desistir do curso, uma porque eu não me identifiquei e outro por questões financeiras. Aí logo na sequência eu passei no PSI, no vestibular.

**Machado:** Bom, porque eu me identifiquei com Letras, eu gostava quando eu estudava, quando os professores ensinavam sobre poesia. Eu sempre gostei disso.

Vários são os motivos listados para a escolha do curso de graduação dos pesquisados, como a falta de identificação com um curso de graduação iniciado anteriormente, falta de recursos financeiros para se manter no curso, ou ainda, inserção profissional. Dessa forma, Conceição, destaca que o curso de Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa não foi sua primeira opção, até porque ela já estava fazendo outro curso anteriormente, no entanto, algumas circunstâncias a impediram de continuar. A entrevistada relatou também que não se identificou com o curso anterior e devido a situação econômica não conseguiu finalizar, o que a impulsionou a fazer uma nova escolha.

A resposta ilustra que o motivo de escolher o curso atual se deu através de uma combinação de aspectos pessoais e circunstanciais. Assinala-se que mesmo que o curso atual não fosse o que ela realmente almejava, a afinidade encontrada no curso de Letras foi acontecendo com o passar do tempo. Machado fez uma escolha motivado por interesses pessoais, pois o mesmo desde o início da entrevista, deixou claro que era um sonho de criança seguir esse caminho, então, sua escolha foi guiada pelas afinidades com a área das linguagens e o desejo de se aprofundar na área escolhida.

Por sua vez, Pitágoras escolheu seu curso com base em uma visão pragmática, acreditando que com a dedicação e o esforço poderá ter mais oportunidades no mercado de trabalho. O pesquisado relatou que já possui outra graduação, mas como não há perspectivas profissionais na área da primeira formação optou por cursar outra graduação visando a constante procura por professores em sua área de formação, demonstrando que a sua escolha foi pensando na segurança e nas possibilidades profissionais. Pitágoras vê o curso no Curso de Ciências: Matemática e Física como uma grande chance de garantir estabilidade e sucesso profissional em um futuro próximo.

Esse comportamento está alinhado ao que afirma Leão (2008, p. 47) os adultos maduros que ingressam na universidade não fazem suas escolhas “apenas pela perspectiva da atualização cultural, da busca por novos vínculos sociais, necessidades de regulação emocional ou como atividades para ocupar o tempo livre”, ao contrário, procuram cursos de nível superior, no qual, possam desenvolver habilidades específicas na busca por uma nova inserção no mercado de trabalho (Leão, 2008).

A quinta e sexta pergunta indagaram sobre o que os entrevistados entendiam sobre o etarismo, se eles identificavam os estigmas e os preconceitos sofridos, exclusivamente, por alunos de idade madura, ou ainda, se presenciaram ou foram alvo em algum momento de sua vida desse tipo de preconceito. As respostas foram as seguintes:

**Pitágoras:** Então assim é como se eu tivesse a idade deles, eles fazem eu me sentir com a idade deles, a gente conversa no mesmo nível ali, mas quando é para falar sério, sempre eles falam, quando é para falar sério eles sabem me ouvir, respeitam a minha opinião, eles pedem conselho para mim.

**Rachel:** Com certeza, eu enfrentei e enfrento até hoje aqui na universidade, muitas e muitas porque eu sou mais velha sou diferente e vim de outra cidade, eu sofri demais que se nem imagina [...]

**Machado:** Sim. Disfarçado, mas sempre. Não é assim exagerado, mas disfarçadamente existe.

As respostas demonstram perspectivas diferentes dos alunos, alguns desconhecem o termo, outros suspeitam e outros o reconhecem. Dessa forma, no que se refere a identificação do etarismo três dos entrevistados acreditam que não existe este tipo de preconceito na universidade, as respostas deles são baseadas nas experiências que eles vivenciam, isto é, eles não passaram por nenhuma situação constrangedora, e se sentem respeitados pelos colegas de classe. Os três afirmam, que nunca presenciaram o preconceito e a estigmatização no ambiente acadêmico. Porém, pude perceber ao longo da entrevista, que acontecem algumas “brincadeiras” que se enquadram dentro do preconceito, como algumas falas que podem ser interpretadas como etarismo, só que de uma maneira disfarçada, dessa maneira, os mesmos não percebem ou não querem perceber o preconceito nas falas, pois, acreditam ser apenas “brincadeiras” de colegas de turma, assinalando como uma experiência positiva de interação.

Na perspectiva da Emília, “O preconceito quem faz é a gente mesmo, em não querer entrar na faculdade depois de uma certa idade”, ela acredita que o etarismo é mais uma autoimposição do que uma prática externa. Já Rachel revela o preconceito estrutural, no qual a sociedade demarca qual a idade certa para cada etapa de escolarização, fazendo com que indivíduos que possuam uma idade que ultrapassa o estabelecido se sintam incapazes e inadequados para o retorno a vida escolar.

As respostas de Machado e Rachel refletem o lado negativo de frequentar uma universidade em idade madura, desvelando os estigmas e preconceitos sofridos por estes adultos. Nesse sentido, fica evidente a existência do etarismo na universidade, ou seja, os dois acadêmicos afirmam que o preconceito existe na academia, e cada um vivenciou de forma diferente. Rachel relata que sofreu com o etarismo de forma mais direta, a mesma não detalha a situação, porém ela afirma que vivenciou e sofre preconceito por causa de sua idade. A entrevistada relata que recebe olhares e falas que demonstram indiferença por parte dos outros alunos, de acordo com a fala da própria entrevistada “enfrentei e enfrento até hoje aqui na universidade, muitas e muitas, porque eu sou mais velha, sou diferente e vim de outra cidade, eu sofri demais que se nem imagina, minha história é cumprida, vou chorar se eu contar”.

Machado relata o mesmo, ele afirma que há preconceito, mas que acontece de forma sutil e desfaçada de humor. Que a discriminação acontece por meio de brincadeiras, piadas e tratamentos diferente dos demais e que a única causa tem como principal fonte a idade de certos indivíduos presentes em sala de aula. Observo que a vivência dos acadêmicos entrevistados em sala de aula é formada por aspectos positivos e negativos.

Nota-se que a percepção do preconceito pode ser altamente subjetiva e influenciada pela experiência individual. Sendo assim, aqueles que enfrentam dificuldades são mais propensos a reconhecer o preconceito etário, enquanto aqueles com experiências positivas acabam minimizando ou até mesmo não percebendo o etarismo na universidade.

A sétima pergunta, é voltada para as dificuldades e os desafios dos alunos diante a vida acadêmica. Buscando compreender os maiores desafios que eles enfrentam para permanecerem no curso.

Emília reflete sobre a dificuldade em conciliar tempo entre o estudo e o trabalho. Segundo a entrevistada “O maior desafio é encontrar horário para estudar, para quem trabalha...”, já que trabalha durante o dia e estuda à noite, além do cuidado com a família, essa é uma dificuldade muito comum entre os universitários. Também percebo resposta parecida na entrevista de Rachel, ambas, mulheres universitárias, trabalhadoras e provedoras de seus lares. Além disso, Rachel acrescenta a situação econômica. “Muitos desafios, principalmente econômico, porque eu tenho que trabalhar, cuidar de dois filhos, manter uma casa e estudar”. O relato destaca desafios significativos relacionados a conciliação de várias responsabilidades. Portanto, o seu desafio não envolve só questões acadêmicas, mas também uma sobrecarga de responsabilidades, tornando a situação ainda mais complexa. Segundo Souza et al,

Ao retornar sentiram dificuldades em se readaptar a sala de aula. Agora, com a nova rotina, organizar e conciliar o tempo disponível com as diversas atividades do cotidiano, concretizadas nas duplas e até triplas jornadas diárias, lidar com o fator tempo tem sido muito desafiante no tocante ao “dar conta” de todas as tarefas que se propõem. (Souza et al, 2019, p. 14).

O relato de Pitágoras, demonstra que a seu maior desafio são as limitações de aprendizado no que se refere aos cálculos, dificuldade que ele traz consigo desde o ensino básico, mas segundo o acadêmico essas dificuldades serão superadas. De acordo com as respostas, percebe-se que os desafios variam de aluno para aluno. Pitágoras por exemplo, enfrenta dificuldades acadêmicas relacionadas aos conhecimentos prévios, outros lidam com o desafio de equilibrar o tempo entre trabalho e estudo, e alguns enfrentam desafios significativos relacionados a responsabilidades econômicas e familiares. Observa-se a complexidade da experiência acadêmica, e apesar de vários desafios que podem dificultar a permanência dos alunos, eles se mostram convictos do objetivo a ser alcançado.

A oitava pergunta analisa a percepção dos acadêmicos em relação a como eles se viam antes da vida acadêmica e como eles se veem após ingressar na universidade. O intuito do questionamento visa analisar as mudanças e impactos na vida do estudante no ensino superior, sendo eles positivos ou negativos. As respostas foram as seguintes:

**Pitágoras:** Da aquela sensação de realização, eu falo poxa, não foi fácil, foi doloroso, mas eu conquistei, consegui e está aqui. E aí, eu estou passando pelo mesmo processo agora, mas parece que é como se fosse a primeira vez...”

**Conceição:** [...] o ambiente acadêmico transformou a minha vida para melhor, a convivência me fez afastar de certos lugares que eu frequentava antes, assim a questão do ambiente pode te influenciar.

**Machado:** Antes eu trabalhava de pedreiro, a vida era agitada, corrida, e eu sempre nesse solzão quente... e eu me vejo assim, realizando um sonho[...].

Na percepção de Pitágoras, apesar do processo ser difícil ele demonstra um sentimento de conquista, pois antes de ingressar na universidade, sempre almejou melhoria de vida que somente o diploma proporcionaria, e por mais que já tivesse cursado um curso de nível superior antes, o mesmo relata que o processo é semelhante ao anterior, e demonstra um ciclo contínuo de desafios, conquistas e superação, e isso reflete aspectos positivos.

Para Conceição, ingressar na universidade trouxe impactos positivos e significativos, ela considera que a vida melhorou após o ingresso na instituição de ensino superior, já que a universidade proporcionou um ambiente transformador que influenciou positivamente a sua vida, afirmando que a mudança resultou em crescimento pessoal. Esses aspectos positivos são apresentados nas respostas de Rachel e Machado, pois os dois demonstram um sentimento de realização e conquista. Rachel que antes se sentia insignificante, destaca que a universidade

gerou um impacto profundo na autoestima e na sensação de valor pessoal, fazendo com que se sinta realizada e importante. Machado também relata mudanças significativas, que devido ao seu trabalho, tinha um estilo de vida desgastante e cansativo e após ingressar na universidade vislumbra a oportunidade de mudar a carreira e proporcionar melhoria de vida para sua família.

Dos cinco entrevistados apenas uma apresentou uma percepção negativa, pois a mesma relata, que antes tinha mais tempo disponível. A falta de tempo mostra-se como um desafio significativo para a entrevistada. A vida acadêmica impactou na disponibilidade de tempo pessoal, pois a demanda do curso exige muita dedicação, como ela já havia relatado anteriormente. Com base nos relatos, a maioria aponta mudanças positivas, proporcionando transformações pessoais, visto que a universidade possibilitou tanto uma nova perspectiva acadêmica quanto impactou na vida pessoal e emocional dos acadêmicos.

A nona pergunta é baseada no processo de ensino e aprendizagem, analisando através das respostas dos alunos, se a idade interfere nesse processo.

**Rachel:** Eu não acredito não, eu não tenho essa experiência assim, a minha memória funciona perfeitamente.

**Conceição:** Com certeza interfere. No processo de aprendizagem, eu vejo que assim, eu não tenho aquela facilidade de aprender igual quando a gente é mais nova, que eu tinha antes quando eu era mais nova.

**Machado:** A minha idade não interfere tanto, mas o que interfere mais e por causa que eu sou surdo, eu tenho a perda da audição, e a maioria das vezes eu não entendo o que o professor está falando.

A maioria dos entrevistados acreditam que a idade interfira na sua aprendizagem, além de outros fatores ocorridos durante esse processo, porém o esforço e a dedicação aos estudos não permitem que a interferência biológica afete o seu desempenho acadêmico. A décima pergunta, é sobre a interação dos outros alunos dentro de sala de aula, o intuito é saber como os outros discentes agem com a presença deles na sala, com base na vivência deles.

**Emília:** Acho que normal, não tem diferenciação não, até porque é uma sala bem diversificada em questão de idade.

**Conceição:** “Normal, ninguém acredita que eu tenho essa idade.

**Machado:** Os caras são, até a agora são legais. Tem assim algumas falas, achar que eu era professor, uns me chamam de tio esses negócios, coisinhas que você ver.

De acordo com as respostas, há uma percepção diferenciada devido a experiência de cada aluno no ambiente acadêmico. Emília e Conceição não veem diferença no convívio com seus colegas de sala. Emília até enfatiza que não há essa diferenciação, devido à diversidade etária dentro de sala de aula. Isto sugere, que a diversidade é um fator para minimizar o

preconceito, pois a variedade de grupos etários pode criar um ambiente onde a idade não interfira na interação social dos alunos.

Pitágoras demonstra que sua relação com os colegas de sala é boa, pois todos o respeitam, e ele busca sempre interagir com os outros alunos que o tratam muito bem, assim como já havia relatado em pergunta anterior. Isso pode indicar uma integração bem-sucedida na dinâmica social, no qual a idade não intervém nas interações. Diferente de Rachel, que percebe a divisão entre os colegas que gostam e não gostam dela, porém a mesma quando perguntada não especificou se isto está ligado à sua idade. Como já havia relatado em vários momentos da entrevista infiro que a dificuldade de interação de Rachel com os colegas tenha várias causas, como o fato da pesquisada ser mais reservada ou ainda pelo etarismo.

Machado assinala que não havia parado para analisar a situação, porém apesar dos outros alunos serem legais com ele, observou algumas falas e comentários que se enquadram no etarismo. O acadêmico cita algumas situações, no qual foi confundido com professor devido à idade ao chamarem de “tio”. Apesar disso, o discente afirma ter uma interação positiva com seus colegas de sala. Nesse contexto, os entrevistados não veem a idade como uma barreira para a sua interação social afirmando que não há diferença no comportamento da maioria dos alunos em relação a presença deles na sala. Sendo assim, as respostas demonstram que a idade geralmente não é um fator determinante na forma como os alunos são percebidos dentro de sala, a diversidade etária ajuda na interação dos acadêmicos de diferentes idades.

A última pergunta, visa saber quais as perspectivas do futuro profissional dos acadêmicos, e as respostas foram as seguintes:

**Pitágoras:** É, ser um funcionário público, poder ter uma estabilidade, porque eu já estou na minha segunda carteira de trabalho por ter quarenta e seis anos.

**Emília:** Um bom emprego que pague bem. Nem que seja prestando concurso em outra área, que não seja dentro da pedagogia, mas tudo hoje em dia precisa de um curso de nível superior.

**Conceição:** Me formar e exercer a minha profissão na área em que eu estou me formando.

Os entrevistados possuem muitas expectativas, cada um com o seu objetivo a ser alcançado, e principalmente se formar, pois na visão deles, é somente através da graduação que poderão realmente melhorar sua vida e ter estabilidade profissional.

Pitágoras visa estabilidade através de concurso público, sua resposta reflete uma preocupação com estabilidade e segurança financeira, tendo em vista suas experiências anteriores de diferentes empregos, o acadêmico ressalta também a sua idade, como um aspecto para a busca de estabilidade. Emília também almeja um emprego com um salário digno, mesmo que não seja na área que ela deseja.

Os outros três entrevistados, almejam se formar e atuar na área que estão cursando, evidencia-se assim, que o sonho da profissionalização não é um desejo só dos jovens, mas também dos adultos de meia-idade, que buscam por estabilidade e segurança até a flexibilidade na área de atuação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após a interpretação das entrevistas comprovou-se a existência do preconceito etário no âmbito acadêmico do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente (IEAA/UFAM) que se manifesta de forma velada por meio do humor, das piadas e brincadeiras de alunos mais novos, passando despercebido, ou simplesmente sendo ignorado aos olhares da grande maioria dos acadêmicos do IEAA, que acabam na maioria das vezes normalizando ações e falas preconceituosas.

Desta forma, a pesquisa é de suma importância para trazer à baila o etarismo na universidade, pois é um assunto ainda pouco debatido e combatido no espaço acadêmico, mas que faz parte da realidade dos muitos alunos que estão acima de 40 anos. Abordar sobre o etarismo no âmbito acadêmico faz-se necessário para tornar o ambiente universitário mais inclusivo e diversificado.

A conscientização sobre essa temática prepara os estudantes para enfrentar e combater essa forma de discriminação, até porque os próprios entrevistados não possuíam muito conhecimento sobre esse tipo de preconceito, e foi por meio desta pesquisa que não só os entrevistados como esta pesquisadora pode aprofundar os conhecimentos sobre o etarismo. A partir disto, foi possível refletir sobre a temática.

Cabe destacar, ainda, sobre a importância de outras pesquisas que debatam sobre o preconceito etário não só na universidade, mas também nos mais diversificados espaços sociais, além do combate e da conscientização por parte de todos os universitários com o intuito promover o respeito, para que todos possam se sentir acolhidos dentro da universidade.

## **REFERÊNCIAS**

BRANDÃO, Zaia. **A dialética macro/micro na sociologia da educação**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)**, 2023.

BRASIL. **Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos B823q Territórios. Quem nunca?** / Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. - Brasília: TJDFDT, 2022. 24 p.

BUTLER, Robert Neil. **Age-ism: Another Form of Bigotry.** *The Gerontologist*. 9 (4, Part 1): 243-6, 1969.

CACHIONI, Meire; AGUILAR, Luis Enrique. **A convivência com pessoas idosas em instituições de ensino superior: a percepção de alunos da graduação e funcionários.** *Revista Kairós*, São Paulo, 11(1), jun. 2008, pp. 79-104

CROCHIK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e sociedade. Temas Psicológicos**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, p. 47-70, 1996. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v4n3/v4n3a04.pdf>>. Acesso em: 14 abril. 2025.

DEBERT, Guita. **Reinvenção da Velhice.** São Paulo: EDUSP, 1999.

FABRÍCIO, Branca Falabella. **Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso.** In: MOITA LOPES, Luiz Paulo. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar** 2. ed. São Paulo: Parábola. 2008. p. 45-65.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

KROUT, John Allen; WASYLIW, Zenon. **Infusing gerontology into grades 7-12 social studies curricula.** *The Gerontologist*, v. 42, n. 3, pp. 387-391, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

LEÃO. Marluce Auxiliadora Borges Glaus. **Educação permanente de adultos maduros, idosos e de profissionais da área do envelhecimento: fundamentos para um projeto pedagógico de extensão universitária.** *Revista de Extensão da Universidade de Taubaté – Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias*. n. 1, Taubaté, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.unitau.br/ojs-2.2/index.php/extensao>>. Acesso em: 05 maio. 2025.

LOPES, José Rogério. **“Exclusão social” e controle social: estratégias contemporâneas de redução da sujeitidade.** *Psicologia & Sociedade*. Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 13-24, 2006.

MANZINI, Eduardo José. **A entrevista na pesquisa social.** *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149- 158, 1990/1991.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14ª edição. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

MOITA LOPES, Luiz. Paulo. **A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada?** In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda do Couto. (Org.). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 113-128.

OLIVEIRA, R. C.; SCORTEGAGNA, P. A.; OLIVEIRA, F. S. **Mudanças sociais e saberes: o papel da educação na terceira idade.** RBCEH, Passo Fundo, v. 6, n. 3, p. 388, set./dez. 2009.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre saúde mental: transformando a saúde mental para todos.** Genebra: OMS, 2022

PALMORE, Erdman Ballagh. **Ageism negative and positive.** 2. ed. New York: Springer Publishing Company, 1999.

QUINTANA, Marilene Machado. **Etarismo nos cursos de Ciências da Natureza da UNIPAMPA / Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, CIÊNCIAS DA NATUREZA,** 2023.

SCORTEGAGNA, Paola Andressa; MOLETTA, Ana Keli; OLIVEIRA, Rita de Cássia. **Terceira idade: novos sentidos e significados através da educação.** In: Anais do Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos: XV Epeq - Encontro De Pesquisa Em Educação Na Região Sul. Caxias do Sul, 2016.

SOUZA et al. **Vozes de mulheres de meia idade: desafios e enfrentamentos no processo de inserção no ensino superior.** Universidade Federal de Pernambuco, 2019. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39399/2403144/SOUZA%3B+SANTOS%3B+SANTOS%3B+MONTEIRO++2019.1.pdf/46eb2643-0a3c-4af4-9bb4-7a235326b586>. Acesso em: 14 abril. 2025.

TAVARES, Dirce Eni Aparecida. **A presença do aluno idoso no currículo da universidade contemporânea: uma leitura interdisciplinar.** 2008. 284 p. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

THOMAZINI, Maria Clara. **O Direito à Educação para Idosos no Brasil: O Envelhecimento Ativo e a Busca pelo Ensino Superior.** Anais do "EPCC - Encontro de Produção Científica e Tecnológica" da Unicesumar, 202.

WINANDY, Fran. **Etarismo: um novo nome para um velho preconceito.** 1ª edição. Editora Matrix, 2023.